

"O Globo" - 2.6.61

Têrça-feira, 8 de Julho de 1958

RUBEM BRAGA

LUA

FOI no dia 2 ou 3, não tenho certeza, mas não era mais o primeiro dia da lua cheia — ela nasceu um pouco tarde, mas ainda muito grande e côr de cobre, sôbre o mar.

Eu estava no apartamento de um amigo, no Pôsto 6, e quando cheguei à janela vi a lua; já havia nascido tôda e subido um pouco sôbre o horizonte marinho, atrás do Forte. Meu amigo fôra lá dentro buscar alguma coisa e eu ficara ali sôzinho, naquela janela, presenciando a ascensão da lua. Havia certamente todos os ruídos da cidade lá embaixo, havia janelas acesas de apartamentos, mas a presença da lua fazia uma espécie de silêncio superior e de majestade plácida; era como se Copacabana regressasse ao seu antigamente sem casas, talvez apenas alguma cabana de índio humilde entre cajueiros e pitangueiras e árvores de mangue, talvez nem cabana de índio nenhum, índio não iria morar ali sem ter perto água doce. Mas dava essa impressão de coisa antiga, êsse mistério remoto, era um acontecimento silencioso e solene pairando na noitinha e no tempo, alguma coisa que irmana o homem e o bicho, a árvore e a água — a lua...

Foi então que passou por mim a brisa da terra; e essa brisa, que esbarrava em tantos ângulos de cimento para chegar até mim, ainda tinha, apesar de tudo, um vago cheiro de fôlhas, um murmúrio de grilos distantes, um segrêdo da terra anoitecendo.

E pensei na minha amada; e sonhei que poderíamos estar os dois juntos vendo a ascensão da lua; deslembados, inocentes, puros, juntos na doçura da noitinha como dois bichos mansos vagamente surpreendidos e encantados perante o mistério e a beleza eterna e simples da lua.